

**CARTOGRAFIAS DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E DA  
PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NAS AÇÕES EM DEFESA DOS  
DIREITOS HUMANOS**

***CARTOGRAPHIES OF RELIGIOUS MOVEMENTS AND  
YOUTH PARTICIPATION IN ACTIONS IN DEFENSE OF  
HUMAN RIGHTS***

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares<sup>1</sup>  
Nadja Rinelle Oliveira de Almeida<sup>2</sup>  
Heline Maria Sousa de Carvalho<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo tecer algumas análises e reflexões quanto os sentidos e significados das peregrinações juvenis a partir dos movimentos religiosos que os mesmos constroem ao estarem experienciando sua religiosidade. Entendemos que caminhar em busca destas cartografias é perceber que os jovens, ao participarem destes movimentos religiosos e grupos afins, podem expressar suas potencialidades e exprimirem sua condição juvenil mesmo estando em templos religiosos que exercem no seio social, uma dimensão de controle, havendo, portanto, a necessidade de um rompimento de paradigmas, principalmente no que se refere as expressões culturais juvenis. Sabemos que o campo da religião, apesar da complexidade, revela uma grandiosidade e a necessidade de estudos e pesquisas que possam desvelar os aprendizados multiculturais que demandam novos pensamentos e maneiras de considerar outras vivências religiosas, tendo o jovem como ator dessas transformações. Neste sentido, recorreremos a autores como Novais (2006; 2012), Santos e Mandarino (2005), Fernandes (2011), Santos (2003), Freire (1987), dentre outros, que nos conduziram a novas reflexões acerca dessas questões, contando também com as vozes dos/as jovens que fizeram parte de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no ano de 2019, onde buscou-se traçar um perfil desses/as jovens a partir do campo da religiosidade. A partir destes dados empíricos nos foi revelado que os/as jovens sinalizam suas atuações nos grupos religiosos, militando a partir dos compromissos estabelecidos com a instituição vinculada, rompendo com uma ideia de que o/a jovem não consegue liderar grupos ou desenvolver algum trabalho que demande dele um lugar de agente de transformação e isso pode ser visualizado principalmente quando destacam a importância do trabalho voluntário desenvolvido junto a populações de baixa renda e/ou situação de rua, rumo a uma manifestação em defesa

---

<sup>1</sup> Atualmente é Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). e-mail: isabelblinhares@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). e-mail: nadjarinelle\_234@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. e-mail: helinecarvalho04@gmail.com

dos direitos humanos, o que sugere refletir sobre como essas ações juvenis podem interferir na condição sociopolítica do país.

**Palavras-chaves:** Juventudes; Movimentos religiosos; Direitos Humanos; Cartografias.

### **ABSTRACT**

*This article aims to weave some analyzes and reflections on the senses and meanings of youth pilgrimages from the religious movements that they build when they are experiencing their religiosity. We understand that walking in search of these cartographies is realizing that young people, by participating in these religious movements and related groups, can express their potential and express their youth condition even being in religious temples that exercise a dimension of control in the social environment, and therefore there is, the need to break paradigms, especially with regard to youth cultural expressions. We know that the field of religion, despite its complexity, reveals greatness and the need for studies and research that can unveil the multicultural learning that requires new thoughts and ways of considering other religious experiences, with young people as an actor in these transformations. In this sense, we resorted to authors such as Novais (2006; 2012), Santos and Mandarino (2005), Fernandes (2011), Santos (2003), Freire (1987), among others, who led us to new reflections on these issues, counting also with the voices of young people who took part in a survey carried out at the State University of Vale do Acaraú (UVA) in 2019, which sought to draw a profile of these young people from the field of religiosity. Based on these empirical data, it was revealed that young people signal their actions in religious groups, militating based on the commitments established with the linked institution, breaking with the idea that young people cannot lead groups or develop any work that requires them a place of agent of transformation and this can be seen mainly when they highlight the importance of volunteer work developed with low-income populations and/or homeless, towards a demonstration in defense of human rights, which suggests reflecting on how these youth actions they can interfere in the sociopolitical condition of the country.*

**Keywords:** Youths; Religious Movements; Human Rights; Cartographies.

## **1. INTRODUÇÃO**

Customizar olhares e reflexões quanto aos sentidos e significados das peregrinações juvenis a partir dos movimentos religiosos quando jovens/as trilham pelas estradas acompanhados de sua religiosidade é um campo repleto de desafios, tendo em vista que a juventude é diversa e traz, em suas expressividades nos espaços onde tecem as suas ações, seja na instituição escolar e universitária, no âmbito familiar e religioso, performances plurais prescritas em suas ações cotidianas.

Mediante essa pluralidade performática (PAIS, 2006), nós pesquisadores somos instigados, convidados e desafiados a enveredar por esse caminho que nos faz estar não apenas pesquisando jovens/as, mas estando com jovens/as desvelando trajetos impulsionados a buscar compreender e integrar toda essa dinâmica envolvendo todos os movimentos juvenis realizados.

Ao falarmos em juventude comungamos com Novaes (2006) ao nos lembrar que a “juventude” é um conceito construído histórica e culturalmente. As definições sobre “o que é ser jovem”, “quem e até quando pode ser considerado jovem” têm mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais.

Com isso observa-se a existência de grupos e segmentos juvenis organizados que falam por parcelas da juventude, mas nenhum grupo tem a delegação de falar por todos aqueles que fazem parte da mesma faixa etária. E certamente pesquisadores, pais ou “responsáveis” também não podem falar por eles.

Dentre essas definições sobre o que é ser jovem e as cenas juvenis construídas cotidianamente, o campo da religiosidade experienciado a partir dessa perspectiva tenha muito a nos falar em virtude das inúmeras experiências que os/as jovens passam a vivenciar ao ocuparem esses espaços e caminharem em direção a formação e/ou fortalecimento de movimentos religiosos.

Vale ressaltar que movimentos religiosos tecidos numa dimensão contemporânea vão tomando a cena do virtual e uma nova configuração de educação popular nessa conjuntura vai sendo construída e nos arriscamos a dizer (re) significada.

É conhecimento de todos, que o Brasil é um dos países mais religiosos do mundo, coma presença de inúmeras religiões e manifestações religiosas. E com a juventude não é diferente. Cada vez mais, jovens/as vêm participando de movimentos religiosos expressando a sua religiosidade e, mesmo que algumas vezes a religião exerça uma posição de domínio e autoridade sobre os seus adeptos, por terem mais particularidades e serem mais destemidos, acabam rompendo, frequentemente, com esse modelo de religião resistente em pleno século XXI.

Religiões ancoradas em parâmetros de regulação e controle delimitados pelas instituições religiosas sobre a sociedade, assim como o Estado emite também sua regularidade para manter a ordem social e evitar o caos. Quando falamos em movimentos sociais alinhada a essa conjuntura podemos nos remeter ao que Boaventura de Sousa Santos nomeia de *redes de inteligibilidade*.

Essas *redes de inteligibilidade* podem ser entendidas como possibilidade de criar inteligibilidade entre os grupos, entre o movimento sem-terra e o movimento das mulheres, entre o movimento das mulheres e o movimento dos negros, entre o movimento dos negros e do meio ambiente, entre o movimento do meio ambiente e o movimento indígena.

Santos (2003) nos elucida ainda que, quando há uma maneira de dar voz a vários grupos, é possível traduzir essas falas e promover uma melhor articulação intelectual e política, gerando fortalecimento nas bases epistemológicas e metodológicas dos movimentos.

Neste sentido, apostamos em uma percepção onde essa *rede de inteligibilidade* pode e deve ser tecida por jovens/as que constroem, em seus movimentos usando o campo das suas religiões e/ou doutrinas, uma maneira de vivenciar suas expressões juvenis, criando espaços educativos e inteligentes onde as dimensões política e social compõem a cena, mesmo que cada um obtenha a sua identidade religiosa. Uma cena apresentada a partir de vários espaços demarcados por religiões e/ou doutrinas como: Catolicismo, Pentecostalismo, Espiritismo, mas que poderiam se fortalecer mesmo que cada uma traga os seus preceitos.

Como podemos perceber pelas religiões e doutrina apresentadas, jovens/as estão inseridos em um campo iniciático e vivencial cercado de muitos ritos, dogmas, posturas que podem ou não promover a possibilidade de experienciar encontros entre si e com os outros, pois algumas instituições religiosas se mantêm dicotomizadas em virtude das filosofias que se desenham dentro de cada religião e/ou doutrina.

E essa dicotomia resulta em desenhos onde uma separação pode ser percebida a olhos nus através dos discursos. Entretanto, é possível desbravar nesses desenhos, que seguem os preceitos do campo da religião, uma rede inteligente onde jovens/as conseguem, mesmo sendo regulados, desenvolverem com os seus pinceis educativos e existenciais, posturas políticas.

Diante desse cenário apresentado, não temos a pretensão neste momento de esgotar essa discussão, mas trazer somente um ensaio que tem a intenção de gerar reflexões e apontar direções a partir de uma pesquisa que aborda os movimentos religiosos e as expressividades juvenis, desenvolvida pela linha de Pesquisa Juventudes, Transformações Sociais e Políticas

Públicas, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Isabel Silva Bezerra Linhares, com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A UVA é uma universidade pública, localizada na cidade de Sobral, no Ceará. A instituição conta com quatro campi e oferece vários cursos de graduação, sendo eles: Administração, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Ciências Sociais, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Química, Tecnologia em Construção de Edifícios e Zootecnia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa de abordagem qualitativa realizada nos meses de agosto e setembro de 2020, aplicamos um questionário de perguntas abertas com alguns jovens/as integrantes de diferentes religiões e que fazem parte de grupos religiosos localizados nos municípios de Itarema, Ubajara e Tianguá, no estado do Ceará usando o aplicativo *whatsapp* em virtude do período de pandemia provocado pela COVID-19.

Através das perguntas direcionadas aos/as jovens, buscamos compreender algumas questões como: Objetivos que levaram à criação do grupo, a faixa etária permitida para ser um membro, quais as atividades desenvolvidas pelo movimento, os critérios de participação, se há um coordenador ou orientador e a importância deles, se desempenha alguma função no grupo, qual a influência que o grupo desempenha na vida do/da jovem.

Com esses dados teremos análises e reflexões que serão postas nas laudas seguintes, quando faremos uma explanação inicial sobre juventude, religião e os processos de sociabilidade encontrados na cena juvenil, posteriormente discorreremos sobre movimentos sociais e educação popular alinhando com a esfera da religião, tendo como agente o/a jovem e, por fim, traremos as vozes juvenis que foram ecoando no decorrer da pesquisa para debatermos as categorias postas neste artigo.

## **2. JUVENTUDES, RELIGIÃO E AS CENAS COMPOSTAS EM SEUS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE**

Tratar de juventude na atualidade é um grande desafio, principalmente porque é preciso atentar-se para a grande diversidade que envolve esse grupo social. Diante de toda essa pluralidade, muitos autores e estudiosos optam por usar o termo “juventudes”, como é o nosso caso, reconhecendo as diferenças e particularidades que esse grupo possui e desempenha socialmente. Confirmando esse pensamento, Fernandes (2011, p. 667) declara que:

Sempre que a temática juventude entra na pauta dos estudos socioantropológicos, a heterogeneidade da categoria é considerada, fato que espelha a impossibilidade de congelar, numa única palavra, os diferentes perfis juvenis. Esses perfis são delineados levando-se em conta as diversificadas inserções locais, regionais e culturais desse segmento social tão rico de possibilidades.

Na maioria das vezes, quando se trata da categoria religião associada a categoria juventudes, não se percebe as devidas conexões. Mas na verdade, compreendemos que estas duas categorias e os fenômenos que ocorrem estão diretamente ligados e relacionados, tendo em vista que jovens do século XXI estão aderindo cada vez mais às religiões (inclusive, praticando uma religião de não tradição familiar), participando e sendo seres ativos em movimentos e/ou grupos religiosos, principalmente em denominações religiosas com influência do Pentecostalismo Evangélico.

Ao nos pautarmos no conceito de juventudes visualizamos que:

[...] Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GROPPO, 2000, p. 7-8).

Os/as jovens, a partir de seus comportamentos, atitudes, desejos e expressões criam perfis juvenis que podem ser usados como enfrentamento a uma sociedade e cultura que traz em seu cerne uma educação opressora (FREIRE, 1987) que busca em todas as esferas e, principalmente no âmbito religioso, regular o jovem para aderir uma forma e uma estrutura presente em cada filosofia pregada.

Romper com essa engrenagem reguladora não é tão fluído para alguns/as jovens, principalmente pelo campo religioso ao qual ele estar inserido e recebe orientações.

Interessante que há jovens/as que, mesmo estando em um espaço da universidade, por exemplo, não conseguem se posicionar politicamente justamente pelos discursos conservadores que os atravessam pelas instituições religiosas aos quais é membro, ou seja, cada religião e/ou doutrina determina uma forma de ser jovem nesse espaço e fora dele, tudo isso desenhado pelas questões morais e éticas inerentes a cada instituição devendo ser colocadas em prática, como afirma Scott (2004, p. 375):

Ser de um grupo religioso já é um diferenciador moral que separa os jovens rapazes e moças de outros jovens não pertencentes a esses grupos, o que independe da intensidade da adesão dos jovens às ideias e às práticas desses grupos, ou seja, da fé e das obras.

Apesar de todas as regulações impostas, é perceptível que as religiões exerçam um papel de destaque não só na vida pessoal das juventudes, mas também nas suas relações e vivências, contribuindo para os seus processos de socialização. Com relação a isso, corrobora Mariz (2005, p. 269):

A subjetividade juvenil teria assim uma afinidade eletiva com experiências coletivistas e comunitárias, entendidas por Durkheim (1985) como funcionalmente 'religiosas'. Devido a esse tipo de afinidade, os jovens seriam os mais aptos a tomar atitudes de heroísmo extremo, a ser revolucionários ou virtuosos religiosos, ou a se engajar em violência radical, optando por vezes pelo que Durkheim chamou de 'suicídio altruísta'.

Assim, conforme Santos e Mandarino (2005), a religiosidade deve ser vista como uma questão respeitável e capaz de promover a sociabilidade para as juventudes, seja por meio dos próprios cultos ou de reuniões religiosas, que proporcionem a reunião e união de jovens/as envolvidos nessas atividades.

Concordamos com Joca (2013) que os percursos de sociabilidades juvenis estão relacionados a diversos espaços sociais, ou seja, às experiências vividas nas relações sociais. Dessa maneira, no cotidiano do bairro, nas amizades, no convívio familiar, escolar e nos espaços de lazer, nas instituições religiosas, entre outros – experienciam-se vivências educativas e de formação juvenil.

Trazendo para a visão de Simmel (1983) a sociabilidade é a “sociedade” propriamente dita, ou seja, é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos

impulsos e dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria libertação desses laços.

Ao centrarmos o nosso olhar sobre os processos de sociabilidade vivenciados pelas juventudes envolvendo os movimentos e/ou grupos religiosos temos alguns marcadores de análise, que são os processos de subjetivação que transitam na cena juvenil entre pares e como vão sendo produtores de seus interesses a partir de suas identidades globais, flexíveis e móveis (ALMEIDA, 2006).

E isso é promovido por várias formações subjetivas contemporâneas, que estão alinhadas a uma fluidez de experiências desterritorializadas em virtude de um universo virtual, reconhecido como ciberespaço<sup>4</sup>. Com isso as juventudes percorrem por um ambiente inusitado, estabelecendo diálogos com outras pessoas, com outros espaços de produção de conhecimento.

Neste movimento, jovens/as passam a experimentar um novo estilo de vida através de um processo de sociabilidade que os fazem romper fronteiras, embora seja relevante apontar que no momento atual, em virtude da pandemia da COVID-19, uma exclusão digital foi sendo muito mais descortinada, pois muitos jovens/as pobres não conseguem ter essa acessibilidade virtual.

Ressaltamos ainda que movimentos religiosos experienciados na cena juvenil tem esse recorte contemporâneo alicerçado a essa esfera virtual, trazendo novos espaços e tempos desenhados e lapidados por/com jovens. São espaços lisos e ao mesmo tempo estriados que vão se desvendando e rompendo com uma visão mais conservadora de se fazer e de se expressar a religiosidade.

E esse conservadorismo pode ser encontrado principalmente em Igrejas Pentecostais Evangélicas alicerçadas muito mais a uma dimensão espiritual do que a posicionamentos

---

<sup>4</sup>Ciberespaço segundo Levy (1999) é o novo meio de comunicação surgido da interconexão mundial de computadores, que abriga um universo oceânico de informações, assim como seres humanos que navegam e o alimentam, ou seja, um ambiente que proporciona para aqueles que navegam nele novos espaços e tempos de aprendizagem. A navegação por este espaço através do uso da internet possibilita que os sujeitos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, abreviando distâncias e rompendo fronteiras.

políticos onde a emancipação do sujeito ocupe a cena, como encontramos na Teologia da Libertação, que nada mais é do que um movimento religioso vinculado as lutas da classe popular, ao conduzir os sujeitos a adquirirem uma tomada de consciência capaz de gerar libertação de um sistema capitalista que tem a desigualdade econômica como o seu principal cerne.

### **3. O ENCONTRO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS RELIGIOSOS COM JOVENS É UMA TESSITURA POSSÍVEL?**

Para conduzir reflexões sobre essa possível tessitura nos apoiaremos em algumas percepções já construídas sobre educação popular alinhavando com a maneira de ser jovem/a e como esses movimentos religiosos podem ser customizados.

Concordamos com Rosas (2015) que a prática educativa em educação popular, ao modo de pensar e fazer o cotidiano das relações sociais, em suas múltiplas situações, diferente das dicotomias entre relações de poder e de saber, se caracteriza como instrumento dialético, de que se utilizam homens e mulheres criando, recriando maneiras de existir no coletivo. Assim, as ações exigem fundamentação orientada pela compreensão de que, como sujeitos no mundo, dialeticamente em relações, homens e mulheres se ergam com voz própria nas decisões da vida pública.

Nesta conjuntura escolhemos retomar o conceito de *redes de inteligibilidade* proposto por Santos (2003) para fazermos alguns apontamentos. Se temos jovens/as que constroem movimentos através de seus processos de religiosidade, é possível afirmarmos que estes podem, nestas travessias, promover, como sujeitos do/com o mundo, várias expressividades sociopolíticas, ao tecer redes de religiosidade que independem de suas características ritualistas e provedoras de comportamentos.

Contudo, seria ingênuo de nossa parte não demarcar as posturas conservadoras que alguns/as jovens acabam adotando, se abstendo desses atos políticos na perspectiva de ser fiel a sua identidade religiosa para não romper com os marcadores de regulação impostos por essas instituições.

Como mostra Groppo e Borges (2018) em uma pesquisa intitulada: “A dimensão educativa das organizações juvenis: estudo dos processos educativos não formais e da formação política no interior de organizações juvenis de uma universidade pública de Minas Gerais”, quatro membros entrevistados já eram evangélicos antes da entrada na universidade e viram o grupo como um lugar onde poderiam continuar a exercer sua identidade religiosa. Mais do que encontradas pelo grupo, essas pessoas é que o procuraram.

Os autores mostram, por exemplo, que um dos entrevistados já conhecia a Aliança Bíblica Universitária (ABU) da universidade, pois vinha visitar a avó que morava no município. Já a outra jovem universitária tinha ouvido falar da rede quando morava no interior de São Paulo, onde participava de outro movimento evangélico juvenil. Ao chegar à universidade, procurou saber se nela atuava a ABU. Ela relatou que o grupo “me ajudou muito no que eu acredito, pra não chegar na universidade e ir pra outro caminho, deixar meus princípios de lado”, assim como para poder encontrar “pessoas muito confiáveis”.

Outro jovem entrevistado já era evangélico quando chegou à universidade em 2008 e frequentou a ABU. Teve de trancar o curso e só retornou à universidade mais tarde, voltando a se envolver com o grupo em 2015, tornando-se seu coordenador enquanto era feita a pesquisa de campo.

O que essa pesquisa nos sinaliza? Jovens/as, mesmo fora do espaço da universidade, já vem com as suas redes construídas, por exemplo, e ao adentrar a esse espaço acadêmico que geralmente proporciona para as juventudes cenas cotidianas conduzidas por ações sociopolíticas, há uma possibilidade de jovens/as que trazem seus marcadores de identidade religiosa, continuarem reproduzindo discursos ancorados em um conservadorismo vindo de uma engrenagem sustentada pelos costumes que se aderem em uma prática religiosa.

Quando jovens/as conseguem escapar dessa engrenagem conservadora, constroem suas *redes de inteligibilidade*. Redes essas onde é possível tecer e integrar vários saberes, ancorando sujeitos numa dialeticidade onde há articulação intelectual e política baseada, na concepção de Santos (2003), em melhores lições apreendidas/aprendidas nos encontros, nas individualidades acenadas para a junção de forças tornando os discursos e as práticas mais fortalecidas e inteligíveis, tudo isso podendo ser realizado por meio da acessibilidade a internet.

É muito comum, principalmente em virtude da pandemia provocada pela COVID-19, várias manifestações juvenis e religiosas acontecerem e se propagarem usando redes sociais como o *Instagram*.

Acreditamos assim como Mitre, Doimo e Maia (2003) que a utilização estratégica dos meios de comunicação, ainda que rudimentares e artesanais, em apoio aos movimentos sociais é muito anterior à popularização da internet. Para eles, por exemplo, é possível nos remetermos as atividades de comunicação popular nas décadas 1970 e 1980 que, através do intercâmbio de experiências via jornais alternativos, boletins, quadrinhos, audiovisuais e rádios comunitárias, fortaleceram as redes movimentalistas dos chamados movimentos populares.

Eles explanam ainda que a *www*, contudo, representa a possibilidade de um avanço significativo em relação às mídias tradicionais, interligando em tempo real atores coletivos dispersos no espaço, permitindo que construam estruturas virtuais horizontalizadas de interação, mobilização e troca de conteúdos, constituindo uma nova modalidade de rede movimentalista: a rede cibernética, que como pontuamos anteriormente, é desenvolvida no ciberespaço.

Como não é possível estendermos mais essas discussões no presente momento, vamos caminhando para algumas possíveis tessituras que a educação popular e os movimentos religiosos podem customizar a partir do universo juvenil na atualidade.

Quando nos remetemos a educação popular temos como referência dois educadores: Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão que nos conduz a perceber que esse tipo de educação não se faz fora de uma leitura de mundo. É uma educação que intenciona impulsionar o sujeito a um movimento onde ele possa experimentar uma tomada de consciência ancorada na emancipação, na libertação de uma educação opressora, que regula e aprisiona.

Com isso, acreditamos que seja possível vislumbrar uma educação popular alinhada a uma *rede inteligente* onde jovens/as possam escapar de uma engrenagem que regula, separa, sem necessariamente se desvincular de sua identidade religiosa, ou seja, é viável construir movimentos religiosos onde prevaleçam ideias pautadas na autonomia, no respeito as diferenças, na ética vinculada aos direitos humanos. Uma *rede de inteligibilidade dialógica* e existencial, onde haja mais junção e respeito do que separação.

#### 4. METODOLOGIA

Este estudo tem caráter qualitativo. Segundo Triviños (1987) a pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisafenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras.

Esta pesquisa tem como participantes 06 jovens/as integrantes e/ou coordenadores de Movimentos e/ou Grupos Religiosos localizados nos municípios de Itarema, Ubajara e Tianguá, no Ceará como foi mencionado anteriormente. No total, contamos com a participação de jovens/as de variadas denominações religiosas. Essa investigação foi realizada nos meses de agosto e setembro do ano de 2020.

Primeiramente, buscamos conhecer quais eram os principais grupos religiosos das referidas cidades, mapeando os espaços por onde os/as jovens transitam e constroem sociabilidades. Dado o curto período, delimitamos as cidades de origem das bolsistas vinculadas ao grupo de pesquisa.

Em sequência, foi criado um questionário de perguntas abertas e entramos em contato com os membros que se dispuseram a responder. De acordo com Gil (2008) pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Enviamos o instrumental via *whatsapp*, em decorrência do período pandêmico que estamos vivenciando prezando pelas medidas de segurança de todos. Finalizando, organizamos as respostas por categorias, para procedermos a análise de conteúdo, considerando as respostas destacadas pelos jovens/as.

Para Bardin (2016) a análise de conteúdo não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

#### **4. JOVENS E SUAS PEREGRINAÇÕES RELIGIOSAS: CONSTRUÇÃO DE SUAS REDES DE EXISTÊNCIA E (RE) EXISTÊNCIA**

De acordo com os dados coletados, a princípio classificamos a religião e os grupos religiosos que os seis jovens/as participam. A jovem 1 faz parte da religião católica, participa do grupo de jovens Shalom, com 20 participantes na cidade de Itarema. O jovem 2 integra a religião evangélica, no grupo de jovens Semear, com 80 pessoas também no município de Itarema. Já o jovem 3 faz parte da igreja Adventista do Sétimo Dia (evangélica), participa do grupo Nova Geração, com 13 pessoas, no município de Itarema. O jovem 4 faz parte da doutrina espírita, tem atividades em grupo com 30 pessoas na cidade de Ubajara. O jovem 5 faz parte da igreja Testemunha de Jeová (evangélica), participa de um grupo com aproximadamente 27 pessoas também na cidade de Ubajara. Por fim o jovem 6 faz parte da Igreja Presbiteriana (evangélica), em um grupo de 12 pessoas, na cidade de Tianguá. Na perspectiva de compreendermos a formação desses grupos/movimentos religiosos perguntamos aos/as jovens se eles tinham algum conhecimento sobre essa formação. Para a Jovem 1:

A Comunidade Católica Shalom foi criada primeiramente para os jovens no ano de 1982, a fim de dar a eles uma experiência com Deus, hoje, com o crescimento da comunidade a mesma acolhe pessoas de diversas idades, tendo um objetivo primordial, a evangelização. Assim, o principal objetivo do meu grupo é evangelizar os jovens. (Jovem 1).

A jovem 1 trouxe em sua fala o ano de criação do grupo ao qual participa bem como o objetivo, dando destaque a evangelização dos/as jovens. O jovem 2 expõe que:

O grupo foi criado com o objetivo de evangelizar o máximo de pessoas possíveis e de preferência, nos bairros mais humildes, que são esquecidos pelas pessoas. O objetivo do grupo é o trabalho que o mesmo desenvolve nas comunidades mais vulneráveis.

O jovem 2 reconhece nos princípios do grupo o compromisso com a população mais vulnerável, destacando a evangelização nos bairros periféricos da cidade sem demarcar a juventude. Já o jovem 3 apenas explanou a função do grupo que seria evangelização de acordo com os princípios do cristianismo. Os jovens 4, 5 e 6 destacaram como objetivo a formação moral, como aponta o jovem 5: “Divulgar os mandamentos de Deus para ajudar na salvação das pessoas”.

Neste sentido podemos perceber que, apesar dos/as jovens explanarem uma fluidez em suas práticas cotidianas rompendo com paradigmas e até rituais mais fixos no campo da religiosidade adotando posturas mais progressistas, temos uma parcela de jovens/as que acabam reproduzindo um discurso mais conservador em virtude da evangelização recebida por parte da instituição religiosa.

Na intenção de descortinarmos quanto ao recorte etário para participar dos grupos/movimentos religiosos, perguntamos se existe uma faixa etária estipulada para participar. Os jovens expõem:

Podem participar jovens de 12 aos 29 anos, aproximadamente. (Jovem 1)  
De 13 a 25 anos, aproximadamente. (Jovem 2)

Acima de 9 anos. (Jovem 3)

A partir de 5 ou 6 anos, vai por etapas de estudos e conhecimentos. (Jovem 4)

Não há requisito. Tem crianças de 4 anos que sabem ler, então pode variar. (Jovem 5)

A partir do momento que aprende a ler, já pode se considerar da igreja. (Jovem 6)

Percebemos que os jovens/as 1 e 2 demarcaram a idade de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, e isso se justifica pelas juventudes no seio social serem vistas de forma predominante a partir de um recorte etário, o que acaba sendo reproduzido no campo subjetivo através dos comportamentos e atitudes, o que nos faz refletir como os grupos religiosos direcionam seu olhar as juventudes levando em consideração somente o caráter biológico e etário, homogeneizando a condição juvenil, regulando comportamentos e atitudes.

E isso vai ao encontro do que Novaes (2006) explana ao conceituar juventudes. Para ela os/as jovens são aqueles que são nascidos há 14 ou 24 anos, no entanto, esses limites de

idade também não são fixos, pois para os que não tem direito à infância, a juventude começa mais cedo.

E, no outro extremo - com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho -, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais e isso pode inclusive reverberar no campo religioso.

Na intenção de analisarmos a atuação dos/as jovens pesquisados, perguntamos que atividades são desenvolvidas. Seguem as suas falas:

Uma vez na semana. Os grupos se reúnem para rezar e para momentos de formação comunitária (pregações) e estudo da bíblia. Além disso, temos pelo menos uma vez ao mês celebrações como vigílias e adorações. (Jovem 1)

São realizados evangelismos nas casas, onde vamos de porta em porta falando um pouco da Bíblia e de Jesus e daí convidamos pra ir no culto que geralmente é realizado em algum sábado do mês. No dia do culto, realizamos também trabalho com as crianças no período da manhã, onde levamos um lanche e falamos da Bíblia com uma linguagem proporcional a criança. Fazemos programas sociais também. (Jovem 2)

Acontecem na Escola Sabatina, programações especiais, luau, entre outras atividades; são programações baseadas em momento de oração, louvores e estudo da Bíblia. (Jovem 3)

Sempre fazemos a recepção indicando o tema da palestra de cada dia, atendimento particular também fazemos pois geralmente as pessoas estão com problemas. Reuniões mediúnicas, passes, leitura dos livros, estudo doutrinário, entre outras coisas. (Jovem 4)

Fazemos reuniões semanais congregacionais e eventos anuais para estudar a bíblia. (Jovem 5)

Culto matutino, vespertino e noturno; corais, oração. (Jovem 6)

Apesar de estarmos atravessando uma pandemia provocada pela COVID-19, todos os/as jovens explanaram a existência de rituais que devem ser cumpridos cotidianamente ou semanalmente, embora eles não deixem explícito como isso vem sendo desenvolvido nesse período.

O que nos faz estabelecer uma análise quanto ao regulamento dessas instituições e de como os/as jovens vão se “enquadrando”, “respeitando” e até “vivenciando” esses

processos e em que momento esses conseguem escapar ou até construírem novos rituais a partir da sua condição juvenil ou até mesmo quando os espaços religiosos entendem o lugar da juventude dentro da religião como regulação da moral e do conservadorismo, livrando o “jovem de ser um problema social”.

Nesta mesma direção, questionamos se há um coordenador para orientar os participantes e qual a importância dele. Eles explanaram que:

Sim, o Responsável Local (RL), é aquele que é responsável pelo Shalom na cidade, tendo também o Pastor(a) de grupo de oração, que é aquele que os conduzem a uma vida de oração e os acompanham mensalmente com oração e formação pessoal. (Jovem 1).

Sim, existe o líder de jovem de cada igreja (denominação) que o semear em si, é um projeto (grupo) que é formado pelos jovens (que se disponibilizaram a participar) de 3 denominações, assembleia, batista e cristã evangélica. E então cada líder tem a função de passar as informações e nos orientar da melhor maneira possível. Eles acabam se tornando os nossos amigos e tem importância fundamental não só no projeto, mas na vida pessoal também. (Jovem 2)

Sim, ele é importante porque é ele quem divide as atividades para os membros, além de criar projetos para o grupo junto do associado (vice-líder), para desenvolver com os membros. (Jovem 3)

Tem a pessoa dona do local, mas qualquer pessoa pode apresentar tal tema e debater com as outras. (Jovem 4)

Não há uma hierarquia. Todos os fiéis possuem funções semelhantes. (Jovem 5)

Há sim uma organização da Igreja onde administra o sacramento com a União de Crianças Presbiterianas – UCP, União Presbiteriana de Adolescentes – UPA, União de Mocidade Presbiteriana – UMP, União Presbiteriana dos Homens – UPH e Sociedade Auxiliadora Feminina – SAF. (Jovem 6)

É interessante observar aqui que, os/as jovens reconhecem esse lugar de liderança e a importância destes líderes para a condução dos trabalhos do grupo e/ou instituição religiosa. E isso demarca um paradoxo importante, pois ao mesmo tempo que as juventudes são reconhecidas como sujeitos/as que fogem da regulação das instituições, vivem a rebeldia, a agitação, a flexibilidade e a incerteza, por outro lado rompem com esse paradigma ao se reconhecerem nesses espaços religiosos e conseguirem viver a religiosidade mesmo estando em sua condição juvenil.

Foi nessa direção que foi perguntado se os/as jovens desempenhavam alguma função dentro do seu grupo/organização religiosa. Eis as respostas dos jovens/as:

Sim, sou pastora de grupo de oração e faço parte do ministério de música. (Jovem 1)

Eu ajudo na forma que dá certo, mas geralmente, participo no grupo de teatro ativamente. E auxilio no trabalho com as crianças. (Jovem 2)

Sim. Tenho apenas duas funções, diretor de música e sou diácono. O diácono é a pessoa que recolhe os Dízimos e as ofertas, e ajuda na organização da igreja. Mas também no que precisar de mim, eu ajudo. (Jovem 3)

Ajudo na organização e elaboração de temas. (Jovem 4)

Eu prego a palavra nas ruas e participo das reuniões. (Jovem 5)

Participo da maioria das reuniões e ajudo no que precisa. (Jovem 6)

Como podemos observar todos os/as jovens são engajados nos grupos/instituições religiosas assumindo mesmo na sua condição de jovem, papéis adultos estabelecidos socialmente, como destaca a jovem 1, quando explana que é pastora. Já os demais desenvolvem funções que também fazem parte de um processo de engajamento e/ou atribuições. Isso nos faz entender que não existe um modo estático/constante de viver a juventude, inclusive nos espaços religiosos, embora devamos considerar que essas atribuições podem ser um processo de regulação.

Por fim foi perguntado qual a influência que o grupo ao qual cada jovem/a faz parte desempenha na vida religiosa e pessoal. Eis as respostas:

Grande importância, a partir da comunidade pude experimentar concretamente o amor de Deus em minha vida, amor pela Igreja Católica e os Sacramentos em geral. (Jovem 1)

O grupo acaba fortalecendo a minha caminhada e me ajudando a permanecer na igreja. E ajuda também no aconselhamento, das escolhas. (Jovem 2)

Em minha vida religiosa, influencia a viver os ensinamentos de Cristo. E em minha vida pessoal influencia a ter uma boa conduta e ser um exemplo pra sociedade. (Jovem 3)

Muito importante pois com ele me sinto mais leve e de bem com a vida, não sei explicar muito bem, mas minhas ideias ficam mais claras. (Jovem 4)

Faço com amor e fé, então é algo que me completa e me faz ver o mundo de diversas formas. (Jovem 5)

Eu gosto bastante. São palavras e pessoas acolhedoras. Satisfeita com tudo. (Jovem 6)

O modo diverso como a juventude é descrita e encontrada nos estudos e pesquisas desenvolvidos com esses/as sujeitos nos faz, enquanto pesquisadoras, enveredar por um caminho onde percebemos que não só pesquisamos jovens, mas estamos com eles, ou seja, ao encontrarmos em seus discursos a reprodução de instituições reguladoras em comportamentos e atitudes ou escolhas que façam sentido para a sua vida cotidiana, é possível vermos que os espaços religiosos podem ser essa possibilidade de viver a sua religiosidade associada às suas experiências e desejos.

Por fim perguntamos se os/as jovens desenvolviam algum trabalho comunitário. Se sim, com qual objetivo é realizado. Os jovens/as relataram que:

Sim. Um exemplo da Comunidade Shalom é o Projeto Volta Israel, que acolhe os dependentes químicos para tratamentos e cuidados especiais. (Jovem 1)

Sim. O objetivo é tentar ajudar as pessoas que precisam, e são esquecidas, também tentar além de levar a palavra, mas também ajudar. Porque não adianta nada, falar de um Jesus caridoso, enquanto as pessoas estão de barriga vazia, ou desamparadas. Então o objetivo maior se torna mostrar o amor do nosso criador. Porque se não tiver amor, de nada adianta. (Jovem 2)

Sim com o objetivo de suprir a necessidade física, mental e espiritual das pessoas ajudadas. (Jovem 3)

Sim, sempre que podemos, fazemos um sopão que é dar às pessoas um prato de sopa onde a comunidade ajuda a fazer e também oferecemos cestas básicas e tudo mais. (Jovem 4)

A gente prega a palavra na rua fazendo com que as pessoas reflitam. (Jovem 5)

Não sei lhe informar direito, com certeza. Acho que é mais pelas pessoas e não pela igreja. (Jovem 6)

Apesar dos/as participantes da pesquisa não terem mencionado que desempenham trabalhos na companhia de outros/as jovens, os/as jovens 1, 2, 3, 4 e 5 deixaram explícito como esses trabalhos voluntários são realizados e os seus envolvimento. Os seus discursos ecoaram trabalhos solidários que promovem certamente uma coletividade e com isso podem experimentar

processos de sociabilidade, dentro dos espaços religiosos e fora deles através de ações junto ao público.

A partir destes dados empíricos nos foi revelado que os/as jovens sinalizam suas atuações nos grupos religiosos, militando a partir dos compromissos estabelecidos com a instituição vinculada, rompendo com uma ideia de que jovens/as não conseguem liderar grupos ou desenvolver algum trabalho ocupando um lugar de agente de transformação e isso pode ser visualizado principalmente quando destacam a importância do trabalho voluntário desenvolvido junto as populações de baixa renda e/ou situação de rua, rumo a uma manifestação em defesa dos direitos humanos.

E esse diálogo com os direitos humanos como fio condutor desses atos de existência e resistência promovido pelas juventudes a partir do campo da religiosidade nos aproxima dos princípios elencados junto a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) ao salientar em seu Art. 1 que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Por certo os/as jovens inseridos nesta pesquisa não desenvolvem suas atividades voluntárias junto ao público de baixa renda com uma tomada de consciência onde as ações estejam ancoradas numa dimensão política e emancipatória. Embora eles/as busquem prezar pelo bem maior que é a vida, os processos dialógicos e experienciais talvez não alcancem uma dinâmica dos direitos humanos onde a educação seja a mola propulsora para que as pessoas reconheçam que são sujeitos de direitos e que estes devem ser devidamente preservados.

Para isso teríamos que retomar uma lógica de caridade alinhada a uma libertação. Uma *rede de inteligibilidade* onde os interesses políticos e emancipatórios prevalecessem aos processos de regulação.

## 5. MANIFESTAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS

Ao tecermos essas reflexões a partir do universo juvenil construído nos espaços religiosos temos muito a falar, pois é um cenário repleto de ramificações. Mas diante do que

nos autorizamos a entregar agora, deixaremos aqui algumas pistas que vão ser aprofundadas em outros momentos da pesquisa.

Os espaços religiosos, apesar de demarcarem o lugar da fixação a partir das questões ritualísticas e dogmáticas, alguns/as jovens conseguem compor a sua cena nomádica e viver as formas tradicionais e contemporâneas sem necessariamente demarcar a sua juventude somente pelo espaço onde se encontra, no caso, na instituição religiosa. No entanto, há uma juventude que, nesse processo de regulação, acaba caindo na armadilha do discurso negacionista, que só abrange o espiritual e desconsidera o lugar da religião e da religiosidade como aqueles que podem libertar e emancipar.

E muitos jovens não percebem que se encontram nessa engrenagem. Acreditam que para preservar os seus princípios ancorados em sua identidade religiosa não podem gerar em suas atuações cotidianas ações sociopolíticas para que os direitos, inclusive deles, sejam assegurados. Nesse caso, jovens/as militam em defesa dos direitos da igreja, mas não conseguem perceber-se também como um sujeito de direitos, que ao buscar construir suas redes em favor dos interesses da instituição religiosa, também podem tecer *redes de inteligibilidade* que podem incluir jovens/as de várias religiões, respeitando as individualidades, mas lutando pelas (in) diferenças.

Com os participantes da pesquisa ao aproximar lentes de aumento podemos encontrar jovens/as que militam em seus lugares de fala, mas ainda caem no discurso de “cumprimento das obrigações religiosas”. Por outro lado, ao assumirem esse lugar performam e rompem com um discurso que o “jovem não deve ser levado a sério”. E isso nos leva a apostar que possivelmente esse espaço ofereça para esses/as jovens alguma autorização de existência de seus potenciais de criação no/com o mundo.

Também acreditamos que os trabalhos voluntários realizados podem conduzi-los a viverem experiências onde possam militar em busca da garantia dos direitos humanos da população de rua e/ou baixa renda e isso produz uma educação popular que se aproxima da classe subalterna e tenta levar um pouco de esperança, empoderamento ou dignidade, usando as palavras ancoradas no sagrado.

Creiamos que o mais importante é perceber que os/as jovens nunca são completamente capturados por discursos reguladores ou são totalmente libertos quando estão vivendo seus processos de religiosidade. Mas o fato é que nessa conjuntura, jovens não serão, eles são. E ser é enveredar por todos os espaços e conseguir existir de alguma forma dentro deles, mesmo que em algum momento, eles precisem realizar várias rotas para conseguir pensar e agir com todo o seu corpo juvenil em busca de seus sonhos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORGES, Livia Furtado; GROppo, L. A. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 38, v.3, 2018. p. 173-196.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

FERNANDES, Silvia Regina Alvez. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n.3, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>o</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GANDIN, Luís Armando; HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento (Entrevista com Boaventura de Sousa Santos). **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 2, p.p. 5-23, jul/dez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROppo, L. A. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000. 301p.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção TRANS).

MARIZ, Cecília L. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo Social**, v. 17, n. 2. São Paulo: USP, nov., pp. 253-273, 2005.

MITRE, Maya; DOIMO, Ana Maria; MAIA, Rousiley. Movimentos sociais, Internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. **Comunicação & política**, v.X, n.1, 2003. p.63-185.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): 184-208, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2021.

PAIS, Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROSAS, Agostinho da Silva. Educação popular na rota da criatividade libertadora: Anped em questão. *In*: BRAYNER, Flávio (org.). **Educação popular: Volume 2**. Editora universitária: UFPE, Recife, 2015.

SANTOS, E. S; MANDARINO, C. M. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, 2005.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAIS FILHO, Evaristo (org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SCOTT, Russell Parry. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, set./dez. 2004.

TRIVINÕES, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

---

Recebido: 10/06/2021

Aprovado: 05/08/2021